

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III - Numero 132

Preço avulso 1 Escudo

12 Páginas

O DOMINGO

ilustrado

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS. SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



As grandes festas de verão da Curia

Entre os numeros destas brilhantissimas festas conta se uma festa veneziana, nocturna, no lago, onde, com o maior requinte se evocará toda a galantaria e todo o fausto do seculo dezoito.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

ESTE NUMERO FOI VISADO
PFLA COMISSÃO DE CENSURA

crónica da semana

DA SEMANA DOS HOSPITAIS

U M amigo meu viu expressamente da
provincia para passar em Lisboa a
«Semana dos Hospitaes».

Viu tudo. Assistiu a tudo. Não perdeu um
unico numero do brilhante programa que a
ilustre comissão confeccionou. Quando a Ban-
da Municipal de Madrid chegou á estação do
Rossio, o meu amigo lá estava entre a multidão,
a dar vivas ao general Primo de Rivera. Visi-
tou as montras, tomou parte na marcha mila-
nesa, vestiu se á moda de Miranda para acom-
panhar o carro alegorico de Bragança, andou a
brincar com serpentinas na Avenida e foi
para o Parque Eduardo VII ad irar um fogo
de artificio que de tão bem feito até parecia
natural.

Mas não ficou por aqui o meu amigo. No
dia da benção dos automoveis, alugou um
«taxi» e lá estava na Rotunda, entre os primei-
ros, a olhar beatamente para o gesto liturgico
do sr. arcebispo de Trajanopolis. Não se esque-
ceu de visitar tambem o Jardim Zoologico,
divagando longas horas por entre os bichos
que ali se mostram á cor templação da turba,
com o ar grave de quem está compenetrado
do fim caritativo em que empre a o seu
dinheiro. No Campo Pequeno, quando viu D.
Antonio Cañero aprear-se e passar o corrupto
de muleta, passou lhe pela «pinha dorsal um
tal «frisson» de entusiasmo, que berru a plenos
pulmões:

—Mats-o!
Um policia olhou para ele com ar severo. O
meu amigo, que teve sempre um grande res-
peito pela autoridade, tirou-lhe o chapéu e
disse:

—Peço desculpa. Foi um grilo impensado.
Ora essa... Matar o pobre animal... Tanto
mais que sou socio correspondente da «Pro-
tectora» em Alfandega da Fé...

O policia cofiou o bigode e o incidente ficou
por all.

O meu amigo é que não ficou. A' saída, ele,
que é a pessoa mais pacata deste mundo, viu-
se envolvido numa desordem sangrenta e
acabou por ir com uma clavícula partida para
a enfermaria de Santo Onofre do Hospital de
S. José.

Fui visitá-lo. E logo de entrada, perguntei-
lhe:

—Então como vão esses osses?
—Partidos—respondeu—ele, com um sorriso
amarelo.

E o meu amigo, que tencinava passar em
Lisboa só a «Semana dos Hospitaes», acaba
por ter que se demorar um mês no catre do
hospital.

NORBERTO LOPES

RENDEZ-VOUS



—Bem, meu amigo. Apareça na 2.ª feira, em minha
casa para falarmos.
—Não posso, na 2.ª feira parto para a Alemanha...
—Bem, então na terça...



RESINAS E SARRASINAS

*Tem andado ceiteuma nos jornaes
com palavras e cartas sybillinas,
por causa—colladinhos dos pinhaes!—
de uma questão de gemmas e resinas.*

*Certa firma, no anexo de ganhar
muitos contos de reis para o pitullo,
deu-lhe na bolha «regulamentar»
de forma a escamotear um monopolio.*

*Nem a resina escapa! Eu que em pequeno
a tinha em pedras meio esbranquiçadas
para esfregar as mãos, tornando ameno
o estrall-jar de justas palmatoadas!...*

*Agora, é já cavallo de batalha
por causa das fortunas que nos troz.
E andam os industriais nesta baralha,
entre esguichos de pez e de agua-raz.*

*A tal firma, sentada no seu Banco,
procura asfixiar os concorrentes;
estes, em chusma, tratam num arranço
de com justiça the limar os dentes.*

*Se a deixam só, co'o tal regulamento,
por incuria, por birra, ou por desleixo,
ver-se-ha que nestos coizas do alimento
regulamento não regula queixo...*

*Arma-se em dictadora de autocratas,
e por toda a Nação acorrentada
os donos que annualmente sangram mattas
vão ver o que é sangria desatada!*

*(Sempre que um polvo,—um polvo de dinheiro—
uma firme vontade tem na tóla,
cada braço é aliado do parceiro;
quando um diz «mata», o outro diz «esfola»)*

*E os pobres dos pinheiros? Não terão
poder nenhum sobre que 'stá de cima?
apezar da resina que nos dão
não tem voto na materia prima?*

*Não hão de protestar contra um a lei
que para o monopolio se encaminha,
lá porque um só pretende, a toda a grey,
com suave distincção... comer a pinha?*

*Não farão recuar os resinósos,
que á força de artimanhas e encontros
na sua doida sêde de ambiciosos
aos direitos dos mais pregam «pinhões»?*

*Não hão de preferir que lealmente
a todos seja aberto um bom caminho,
não ficando um com a algibeira quente
e os outros já sem bens que pôr no pinho?*

*Abaixo o monopolio! E' um trabalho
que encobre,—e mal!—muita coisinha escura...
ou então, nos pinheiros, cada galho
terá um industrial á dependura!*

*Não ficava pinheiro em Portugal
que não se visse assim apambarcado,
Até—gritante martyr de um ideal—
o Pinheiro Maluco era sangrado.*

*Soffreria a Nação, digo e repito,
se tal manobra não «ficcasse seja»
ou desse ao monopolio... o Infinito,
mais o pinhal situado na Azambuja.*

*Ainda bem que a tal regulamento
se não resigna a gente da resina,
combatendo sem perda de um momento
a lei, a «fuma», o Banco,... e a sarrasina.*

TAÇO



SABADO, dia de féria... Junto á officina
abre se, convidativa e provocante, a
porta da taberna, onde grandes letras
a giz anunciam vinho do Cartaxo, a preço fóra
do alcance de todas as bolsas. Mas ha uma
fineza que ficou em aberto desde a semana
passada, um camarsda que chama e convida
a «enxugar um copo»... Depois ha dinheiro
fresco... Sabado, dia de féria...

Lá dentro vai um comunicativo rumor de
alegria. Sôbre o zinco do balcão, os copos, em
que o vinho crepita em pequenas bóhas, suce-
dem-se. Ao fundo, o bójo de tres pipas na
sombra e sôbre a do meio uma travessa com
uma pilha de carapaus fritos. Seis dias de offi-
cina valem bem um quarto de hora de taberna
e um homem não se perde por um copo de
vinho: «O' patrão, quatro em dois!».

De entrada as libações vão com cautela
enquanto o cerebro, desanuviado, ainda,
guarda a lembrança dos pequenitos, que, lá em
casa, aninhados na roda da saia da mãe, espe-
ram a ceia mais farta de sabado. Mas fineza
puxa fineza, não se pode desconsiderar o ami-
go que mostra um punhado de cedulas seben-
tas e insiste em que é a sua vez de pagar:
«Mais quatro em dois!».

Cerrou se a noite, a noite complice do des-
vairemento. Nos grugos circulam já os gran-
des copos de litro, onde cada um mergulha o
nariz, em demorados sonhos. O rumor da ale-
gria e deu á algazarra gritante das discus-
sões.

A um canto da mesa, sôb um candieiro de
petroleo de luz morticia, quatro parceiros batem
njo as cartas, uma «sueca» frenetica.

A' porta, uma cabeça embocada de mulher
aparece a espreitar. Os seus olhos negros e
tristes vão dum a outro bebedor. Por fim, os
seus labios, donde a côr fugiu, preferem um
nome. O homem volta-se, pousa o copo sôbre
o balcão, num gesto vivo, arreliado e vem á
porta conferenciar. Palavras curtas, rapidas. A
mulher cencia, timidamente: «Os pequenos em
casa... a ceia... a tenda fechada...» Ele
arrebata-se, gestifica a comanda, estendendo o
braço: «Roda p'ra casa!» A mulher some-se
na sombra, encolhida no chale negro.

A audacia da «patrão» no camarada excita a
discussão da taberna. Um homem não é besta
de carga, caramba! Seis dias ali á forja, á bi-
gorna e nem um momento de alegria e folga,
para beber um copo na comp nhia dos amigos!
A lembrança enternecida dos pequenitos, lá
em casa, aninhados em volta da mãe como
pintainhos friorentos, esvaiu-se com os primei-
ros vapôres do alcool e a tirania das «patrões»
parece a todos tão insuportavel como a do
capital. Um dos presentes, gingando, resume
a indignação geral: «Um bom borracho naque-
las ventas!»

E sôbre o zinco
do balcão a faina
recomeça:
«O' patrão,
quatro em dois!»



ECOS

José Malhoa

O Governo vai conceder a José Malhoa o
mais elevado grau da Ordem de S. Tiago. Esta
noticia trouxe o maior regosijo a todos os
admiradores do insigne pintor que tem, nesta
casa, amigos sinceros e dedicados. José Mal-
hoa, a quem alguns impertinentes zoilos tem
po' vezes beliscado com suas maldosas e im-
becis ferroadas, é um colorista de rara magia
que na sua gl'riosa paleta guarda o segredo
duma tecnica muito pessoal e capaz de todos os
milagres. Quando Malhoa deixar de trabalhar,
o nosso povo perde o artista que melhor tra-
duziu a sua alegria bulhenta e luminosa.

Uma comparação
infeliz

Para pedirem melhoria de situação, os pro-
fessores primários queixaram-se de que rece-
biam «tres vezes menos» do que os profes-
sores do liceu. Parece-nos que não foi feliz nem
está absolutamente certa esta comparação.
Um professor agregado dos liceus—com um
curso de catorze anos—recebia mil cento e
vinte escudos mensais, liquidos. Um professor
primario recebe quatrocentos escudos mensais
liquidos? Se assim é, está certo. Mas parece-
nos que não. E ainda é preciso comparar (já
que se entrou no campo das comparações) a
duração dos cursos para o magisterio primá-
rio e para o secundário.

O rei de triciclo

Os jornais publicam o retrato do novo rei
da Romania: um pequenito, de triciclo, som-
so largo, os olhos numa gargalhada, a boca
na mudança dos dentes...

E' o rei Miguel, neto daquela rainha ainda
môça, que andou recentemente em passeio
pela América e escreveu crónicas de visgem
cheias de interesse. No «ecran», da politica
mundial, esta familia reinante da Romania,
onde ha descendentes directos dos reis portu-
gueses, assume um p pel romanesco, cheio
de interesse dramático. Há uma rainha inteli-
gente, um principe estrangeiro, um rei que anda
de triciclo... Adivinham-se dramas, scenas
tremendas de finais de acto... E o mundo,
curioso, saboreia aqueles desgostos de familia
durante o almôço, com o jornal encostado ao
açucareiro...

'Bandarilhas
de fogo'

Com este titulo saiu o primeiro numero da
uma revista taurina, propriedade do nosso ami-
go José Luiz Ribeiro, «Pepe Luiz», conhecido
e combativo critico da especialidade, e que,
pela forma veemente como se apresenta, ter
sensação no meio. Desejamos-lhe prosperida-
des.

LER NO PROXIMO NUMERO

«AS VERDADES» DE JUSTO
CARTILHA

O PARAISO



O moribundo, voltando a si.
—Onde estou eu? No céu?
A mulher:
—O' filho, como queres tu estar no céu? Não me vias
aquí?

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

HUMORISMO

— Pagina Alegre — por Xisto Junior —

As maravilhas do cambio

A D. Engracia e o Antero eram muito felizes e possuíam de colaboração um menino, que tinha três anos, e o mesmo nome do pai, que disfarçava com um Junior que vinha muito a proposito. O pequeno era muito traquinas, o que em familia se chama um «menino desinquieto» e o seu maior prazer era andar a chafurdar nos canteiros do quintal e até por isso o pai, que tinha algumas letras duns dinheiros que trazia a juros, chamava ao pequeno o seu Antero do quintal.

Ora um dia em que chovia de forma que os cães a bebiam de pé sobre uma escada de trinta degraus, Antero Junior, impedido pelo mau tempo de se dedicar aos seus trabalhos favoritos de lavoura, entregou-se a outra das suas fainas predilectas, que consistia em vasculhar as gavetas dos moveis, atirando tudo para o chão, sob o olhar benévolo da mamã, que via nesta bisbilhotice do pequeno confirmada uma tara hereditaria do ramo materno. De gaveta em gaveta, Antero Junior foi dar ao tesouro da familia e começou a fílar, embevecido, os cordões e as pulseiras da mamã, a corrente double que o papá punha em dias de festa, picou-se nos alfinetes de manta e acabou por descobrir, num cantinho, uma libra de ouro, com os seus dois Jorges, um quinto e outro «são».

Mirando e remirando a moeda, o pequeno Antero chegou á conclusão de que a libra devia ser de chocolate e—zás!—enguliu-a. A D. Engracia, que lhe surpreendeu o gesto, acudiu e dando por falta da libra largou num berreiro que até parecia que ela é que a tinha engulido. Antero Senior compareceu logo no local do sinistro mu-

nido dum apito. Posto ao facto do incidente pela esposa, que desculpava o autor da proeza alegando que ele só conhecia libras de chocolate, Antero interpelou tragicamente o seu rebento: —Desgraçado! Enguliste o teu futuro!...

Com efeito, os previdentes pais do



juvenil Antero, vendo que a libra subia constantemente, tinham guardado aquela para o filho, na esperança de que, quando ele atingisse a maioridade, a libra valesse cinquenta contos, o que era já um bom principio de vida.

Entretanto, a D. Engracia arrebatava nos braços Antero Junior e corria ao consultorio proximo.

—Doutor—exclamou ela, numa grande aflicção—o meu pequeno enguliu uma libra!

O medico deitou o pequeno numa «marquesa», analisou lhe o pulso, examinou-lhe a lingua, tacteou-lhe o estomago e acabou por perguntar:

—A libra era em nota ou em cheque?

—Era em ouro, Sr. Doutor. —E o pequeno quantos anos tem? —Tem três anos, Sr. Doutor. —Então a libra tem por onde sair— calemburizou o medico—mas eu é que não posso fazer-lhe coisa alguma para isso.

—Ora essa, Sr. Doutor? Então o menino ha-de ficar com a libra lá dentro, a criar ferruge?

—A senhora não sabe que ainda está em vigor um decreto proibindo a saída do ouro? A libra entrou, mas não pode sair sem autorisação do governo. Em todo o caso vá a senhora consultar um banqueiro, porque esses assuntos de libras é nos bancos que se tratam, não é nos consultorios medicos.

Assim falou o medico, que levou cem mil reis pela consulta, alegando que quem tem libras para dar a engulir aos filhos pode pagar largamente aos medicos, e a D. Engracia, como um foguete, correu á Baixa, a apresentar o pequeno numa casa bancaria.

Antero Junior foi posto em cima do balcão e quando a mãe acabou a historia da libra engulida, o gerente do estabelecimento, depois de consultar uma tabela, propôs:

—Dou noventa escudos pelo menino, que posso considerar como um cheque, visto que tem uma libra lá dentro.

Que não senhor, que o pequeno não era nenhum cheque ao portador, teimava a D. Engracia. E foi então que o gerente da casa bancaria teve uma ideia salvadora: provocar a descida artificial da libra. Foram empregados para o telefone, afixaram-se tabelas, fizeram-se outras manigancias e daí a

pouco a libra estava a dezoito mil réis. Como o detentor da moeda era miudo, considerou-se que a libra já tinha descido bastante, e, com efeito, desatadas as calcinhas do pequeno Antero, a libra caiu em cima do balcão.

Todos os empregados vieram vê-la e, depois de ensaboada, foi exposta na montra, onde foi muito admirada por causa dum distico que trazia: «A unica libra que desceu».

A D. Engracia retirou se, horas depois, com o filho e a libra, tendo re-



cusado deixar esta ultima por um conto e quinhentos. Acompanhando-a á porta, o gerente disse-lhe mais uma vez:

—Olhe que foi sorte ser uma libra, porque se fosse um dollar, que nunca desce, o menino só o deitava pela boca.

XISTO JUNIOR

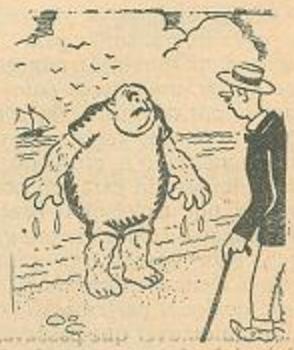
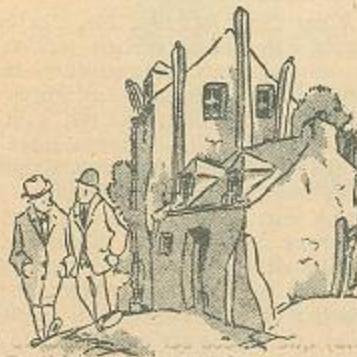
LER NA PAGINA 6 A NOVELA SENTIMENTAL «O SEM TRABALHO»

FATAL

LOGICO

CERTEZA

BANHO



—Pobre Alberto! Falecido, quasi de repente! Olhe que só teve uma visita medica!

—Ora veja como a medicina tem progredido... Só com uma visita!

—O' papá, esta trigo é tão pequenino!

—E' com este trigo que se fazem os pãezinhos pequeninos!

—En gostava de conhecer o sitio onde hei-de morrer!

—Que ideia! Para quê?

—Para nunca passar por lá!

—Meu amigo, saia da agua molhada até aos ossos!

—A'ê nos ossos? Então ha quantos meses está de molhado?

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



Curiosidades

HOMENS CELEBRES
PRECOÇES

Dante compôs um soneto aos nove anos. Tasso escreveu os seus primeiros versos aos dez anos; Calderon, aos quinze. Victor Hugo tinha apenas catorze anos quando obteve, em concurso, a recompensa dos Jogos Florais de Toulouse. Byron era poeta aos doze anos; com essa mesma idade, Pascal resolveu as trinta e duas proposições de Euclides. Aos onze anos, já Mirabeau escrevera um livro. Aos seis anos, Meyerber dava audições publicas de piano; Haendel, aos treze anos, compusera a musica duma missa. Com treze anos, Weber já fizera ouvir uma opera.

Claude Vernet já desenhava maravilhosamente, aos seis anos; Rafael começou a pintar aos sete.

DOIS MECENAS

Edmundo de Rotschild deu agora 30 milhões de francos (vinte e quatro mil escudos) á fundação scientifica que tem o seu nome. John Rockefeller, filho, deu 40 milhões para se terminar «a salvação» das tres joias da arte francesa da Idade Media, da Renascença e do Grande Século: a catedral de Reims e os palácios de Fontainebleau e de Versailles.

Chama-se a isto saber gastar dinheiro.

UMA FREIRA
AO VOLANTE

A cidade de Pau, patria de Henrique IV, é atravessada todos os dias, ha tres anos, por uma «camionette» guiada por uma freira, com a sua característica touca. É uma «irmãzinha» que anda a distribuir, aos domicílios, a roupa branca que é lavada no seu convento. A freira é o que se chama um bom volante, nunca tendo sido vítima de qualquer accidente. Indiferente aos comentários de muita gente, as religiosas desse convento de Pau resolveram fazer a economia de algum «chauffeur» exigentissimo, substituindo-o por uma das suas «irmãs», sempre bem disposta e sorridente.

UM DISCO PRECIOSO

Na América, onde já se conseguira, no ano passado, transmitir pela T. S. F. o canto dum rouxinol, conseguiu-se agora gravar um disco com uma ária entoada por um autor da mesma especie. Um aparelho registador, especialmente construido e montado num automovel, foi levado para um bosque frequentado por excelentes cantores. Durante quinze dias tentou-se gravar um disco, mas apesar dos cantores acorrerem á chamada dum habil violoncelista, qualquer perturbação imprevista (um automovel que passava, por exemplo) vinha interromper e inutilizar a obra. Por fim, lá se conseguiu gravar um disco inteiro, o qual, devido á necessidade de construir aparelhos especiais, vem a custar mais de 10.000 l'bras.

Uma «nova»
civilizaçãoUMA EXPERIENCIA
FACIL

HA um quarto de seculo, aproximadamente, que a *Carnegie Institution* de Washington e o *Peabody Museum* da Universidade de Harvard estudam laboriosamente tudo o que resta duma civilização que parece ser a mais velha do mundo, mas que, pela recente descoberta dos seus vestígios, é a que está mais em foco actualmente, é a que está mais na moda, é, para nós, a mais moderna...

Trata-se da civilização dos Mayas, povo de sabios e de artistas que na arquitectura e nas artes plasticas realizaram obras notaveis.

Hoje já é mais que suspeita, se bem que ainda não seja uma certeza, a ideia de que na America floresceram civilizações tão remotas como a egípcia ou a chaldaica. Está hoje posta de parte a afirmação, aceite durante seculos, de que a America fôra colonizada em épocas relativamente modernas por tribus asiaticas que, atravessando o estreito de Bering, se haviam espalhado pelo México, America Central e planaltos peruvianos da America do Sul. Alguns arqueologos mais perspicazes admittiam que os velhos monumentos dos Mayas, dos Azteques e dos Zucas teriam os seus vinte e cinco seculos de existencia. Mas só ha cinco anos, graças ás pesquisas dum sábio mexicano, o Dr. Manuel Gamio, que encontrou, sob uma espessa camada de lava do vulcão Xitti, as ruínas duma bela cidade, é que se chegou á conclusão que houve, ha sete mil anos, um foco de civilização, na America.

Dessas velhas civilizações, a mais curiosa—por ser a mais misteriosa,—é a dos Mayas, nome que designa ainda uma raça que povôa o Sul do México, a Guatemala e as Honduras, e que tem muitos traços fisicos bem característicos. O dialecto maya tambem se afasta muito dos outros dialectos americanos, e ainda hoje é falado por 500.000 índios.

A civilização maya foi um produto espontaneo da America, facto este que é comprovado exuberantemente pelos vestígios de longos periodos arcaicos e pre-arcáicos que a precederam, e que têm sido descobertos no vale do México e na America Central. Não ha possibilidade, portanto, de ver nos Mayas descendentes dos lendarios Atlantes.

No principio da nossa era, os Mayas possuíam já calendarios de rigorosa exactidão e uma escrita hieroglifica muito desenvolvida, que só vagamente se parece com a dos egípcios ou com a dos chineses e que é de difficilissima interpretação, porquanto abrange milhares de sinais diversos, dos quais apenas uns cem estão já decifrados. Os calendarios comprovam que tinham profundos conhecimentos astronómicos e matematicos, e a sua existencia, bem como a da escrita, testemunham um adiantadissimo estado de civilização. Sabe-se tambem, pela existencia das cidades, que já ha seculos haviam abandonado a vida nomada e sabe-se tambem que tiveram muitos conhecimentos de agricultura, sendo a eles que se deve a transformação em planta cultivada duma graminea—o milho—que só nos planaltos do México se encontra em estado selvagem.

O periodo histórico dos Mayas começa com a nossa era. Nessa epoca tinham numerosas cidades num pequeno território a S. E. da Guatemala, entre o Golfo das Honduras (mar das Antilhas) e a Serra Madre. Nessas cidades, construíram templos em forma de piramide, em volta dos quais se espalhava a cidade com várias praças publicas onde se erguiam colunas ou stelas e altares ornamentados de esculturas simbólicas e hieróglifos. Os edificios tinham dois ou três andares e os architectos faziam com que os andares superiores repousassem não sobre os inferiores, mas sobre um volumoso pilar de cantaria, erguido no centro do edificio.

A par com a arquitectura, a cerâmica e a joalharia desenvolvem-se em alta escala. Fabricaram tambem tecidos com desenhos ricos, quasi sempre símbolos astronómicos. Os escultores mayas tinham apenas cinzeis de pedra dura, pois não conheciam instrumentos de metal.

Pelo ano 600 da nossa era, esta brilhante civilização quasi que morre, sendo as cidades abandonadas pelos seus habitantes, cujos descendentes, durante quatro seculos, tem vida apagada. As cidades vão sendo invadidas pelas florestas e só quando a grande *United Fruit Company* desbravou a selva é que os seus restos foram descobertos.

Porque decaiu tão de subito a civilização dos Mayas? Porque fugiram os habitantes dessas florescentes cidades de Quirigua, Copan, Ixkun, Palenque, etc.? É um misterio. Mas a hipótese mais aceitavel é a de que sobre eles caiu a epidemia da febre amarela ou vomito negro, trazida por um mosquito (o *stegomyia*) que parece ser originário do estuário do Amazonas e que deposita os seus ovos nas cisternas das habitações.

No fim do seculo XVII, ainda havia, na pequena cidade lacustre de Tayasal, no interior da Guatemala, descendentes directos dos Mayas das civilizações que contam setenta seculos, uns pobres velhos que conservavam todas as tradições da sua raça, presumivelmente a mais antiga de que restam vestígios.

M. Petit comunicou á Sociedade de Agricultura os resultados duma curiosa e facil experiência que realizou. Em dois compartimentos rigorosamente calafetados pendurou alguns cachos de uvas maduras. Num dos compartimentos colocou um recipiente contendo 100 centímetros cúbicos de alcool puro. No fim de algumas semanas, os frutos estavam tão frescos como no primeiro dia. No outro compartimento, cuja atmosfera não estava saturada de vapores alcoolicos, as uvas encontravam-se em estado de decomposição.

UMA AMERICANICE

Numa cidade americana construiu-se agora uma piscina provida duma instalação especial para fazer ondas, por meio do seguinte engenho: três grandes cilindros, em forma de sinos, são introduzidos e retirados da agua com uma grande rapidez, ou seja, dezoito vezes por segundo. O movimento é obtido por meio duma maquina a vapor, que serve tambem para aquecer a agua e o ar da sala. Todo o maquinismo está occulto. Os bordos da piscina são inclinados, de forma a que as vagas venham a quebrar-se como sobre uma praia. O banhista tem a illusão completa de tomar banhos de mar em agua quente.

CORREIO AÉREO
TRANSATLANTICO

Apesar de o primeiro correio aéreo entre os Estados-Unidos e a França vir dirigido á estação central de Paris, o comandante Byrd entregou-o na estação postal de Ver-sur-Mer (Calvados), local onde aterrou o seu avião *America*. Foi, portanto, com o carimbo dessa estação que se distribuiu a primeira correspondencia vinda da America em avião, a qual consistia em 200 cartas e uma mensagem dirigida pelo chefe postal e empregados da estação postal de Nova-York, aos seus colegas franceses.

O OLEO DE FIGADO DE BACALHAU

"Terra Nova"

É O MELHOR E O MAIS PURO.

VENDE-SE NA

R. DA MAGDALENA, 78 — LISBOA



Singer

Ultimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICAÇÃO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

DOMINGO
Ilustrado

TEATROS

Leonor d'Eça



Estrela que c'esponta... A jovem artista que na última época do Gimnasio, sob a orientação superior de Amélia Rey Colaço, evidenciou brilhantíssimas faculdades, acaba de obter no seu exame final do Conservatorio a mais alta classificação: 20 valores. As provas de Leonor d'Eça honram a Escola da Arte de Representar sendo ao mesmo tempo a afirmação radiosa de uma decidida vocação e de um talento invulgar.

Maçada teatral

CARLOS DUBINI envia-nos uma verdadeira «maçada teatral» da autoria de um conhecido actor. E' um quebra-cabeças que melhor ficaria na secção charadística do «Domingo», pois é uma série de trocadilhos mais ou menos felizes.

Os trocadilhos morreram com Eduardo Garrido. Só eles lhe sabia tirar o sabor ingénuo e torna-los vivos e alacres. Quem hoje cultiva o trocadilho cai, sem querer, nessa ingenuidade que o grande Garrido evitava a todo o transe...

Não representam estas palavras desprimo para o autor da carta endereçada a Lino de Souza e que abaixo transcrevemos, a simples título de curiosidade:

Meu caro Lino

Ferreira, lugar onde me encontro, cujos caminhos *este vão a Amarante* e creio que a *Grijó*, é dos burgos bracarenses, talvez o mais pitoresco. Ai a *hortense luz*, a *rosa céria* e trepa pelos *robles* em formas mais caprichosas que grinaldas num altar do *Salvador*.

Braga, onde passei o Dia de *Reis*, em companhia de *Carlos*, lial como sempre aos seus princípios religiosos, deixou-nos encantados, como se *celeste lei*, *tão de alto viesse*, que impuzesse o seu respeito.

E' *rico Braga*, em monumentos, nos quais se nota como principal *mira*, *bastos trabalhos* em talha.

Encontrámos aqui a priminha *Ilda* com o seu inseparavel «*stlck*», inimital de elegancia. Presenteou-nos com um cabaz de belas *diagalves*. Da *cunha* que me deste para a casa comercial *RAU. L. PORTELA & ALMEIDA*, cruz que me custou a levar ao Calvario, nada consegui, nem aproveitei; tendo que me valer dos caixeiros *Joaquim e Gabriel*, *pratas velhas* da casa, para lhes falar. *Discos tinha* a casa a faltar, responderam-me. Nem mesmo os da *Adelina Fernandes* e da *Zulmira* lhes consegui vender.

Tive vontade de lhes chegar, mas como *all*, se *pancada* lhes desse era o *demo*, eles podiam retorquir e eu andar numa *roda viva*, desisti.

Está um tempo lindo. *Clima* como *este* é difficil de encontrar. *Mando*, *devas* com *selos* escreveres-me as tuas cartas para não sêr multado como da ultima.

Geraldo de Magalhães

Os *Geraldos* vão deixar nos, mas *querem obsequiar o publico*, que os *estima e admira*, com um *espectaculo* monstro no *São Luís*, a *26 do corrente*. A *noticia da sua proxima partida* para o *Brasil* *alvorocou os admiradores*, os *colegas*.

Muitas das *primeiras figuras* do *nosso teatro* vão *colaborar numa festa* *fremente de simpatia e de boa camaradagem*, a *fim de que o publico guarde uma funda saudade* desse «*adeus*» que *não é definitivo*, porque os *Geraldos voltarão em breve a Portugal*, para *alegria* *nossa*.



Auzenda d'Oliveira



Auzenda vai fazer revista, temporariamente. A archi-graciosa «divette» interpretará no Politeama os papeis de «Marquezinha», «Automobilista» e «Mulher conquistadora», três numeros «à sensation» da «Aldeia dos Macacos».

E' facil que parlamos d'aquí para Vizeu a vermos os quadros de *Grão Vasco*. *Santana*, teu padrinho e velho amigo, envia-te saudades. Ainda ele se lembra do teu *nascimento*. *Fernandes*, teu pai e seu irmão, como *direi colaço*, já o tinha convidado para compare ainda mesmo antes de vires *à luz*.

Ve-lo só, sem ninguém a acompanhá-lo, custou-me, pobre velho! Vi-o *tão triste!* *Hão* de chorá-lo os que o abandonaram. Não penses que, *Clemente*, pintou este quadro. Só digo a verdade. Manda-lhe ao menos um postal a acarinhá-lo, não se agrave, *Lino de Sousa*, o estado do pobre velho. Pobre vida, se *desata nela* a perda da esperança. Termina esta enviando-te um abraço e saudações á *Luiza*.

Ferreira, 21/7/927.

teu velho amigo.
SALUSTIANO

P. S. - Vê se o Bazar Catolico (tu que percebes disso) *sia santos*. *Talvez*, *Coelho*, teu amigo tos possa conseguir.

Chiado Terrasse

Cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pai dos cinemas lisboetas. Ótimos films, sempre variados e para todos os palcos do publico. As grandes produções de avencunha. Itções em concorrência. Amplissima e elegante sala.

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um do industriais mais categorizados. Films de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias de forma a torná-la a preferida do publico.

S. Luiz Politeama Trindade Avenida Apolo Eden Varieda-Salão Foz des

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de Nascimento Fernandes, Rafael Marques.
Actualmente, a peça cheia de verve: «O ultimo Bravo».

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucilla, com Erico, Almeida, Amélia Pereira e um formidavel grupo dramático que está á altura do mais difficil repertorio internacional.

As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa. Actualmente, «Amor a quanto obrigas».

Companhia Satanela-Amarante. A companhia mais simpática ao publico. Alem de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca ao «tic» parisiense de seu castlo. Hoje e por enquanto todas as noites: «Aguas-pé».

«A Madragão», com Ester Leão.

Em pleno exito a companhia Almeida Cruz com a revista «Cosido» á portuguez» grande espectáculo de fantasia.

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramática; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «tournees» triunfais a attenção e grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer. Actualmente «O Bom Sucesso».

Espectaculos modernistas com grandes atractivos. O mais fresco teatro de Lisboa. Alegria e arte.

Encerrado temporariamente.

Ramiro Pinho & C.
 146, R. AUGUSTA, 148
 TELEF. C. 1646 - LISBOA
 BANHEIRAS, ESQUENTADORES E ARTIGOS SANITARIOS
 CANDIEIROS EM TODOS OS ESTILOS

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

TINHAM batido as seis horas dum chuvosa tarde de inverno. A chuva miudinha e imperlante que desde manhã caía sem intermitências cessára zé pelas cinco horas. Parecia disposta a abrir um talvez curto intervalo para permitir que os operários que a essa hora saíam das fábricas pudessem chegar a casa tranquilamente, ansiosos por gosar um bem merecido repouso depois dum exaustivo dia de trabalho. Defronte do portão duma grande fábrica um grupo de operários falava arimadamente.

A avaliar pela exaltação de uns e pelo ar concentrado de outros, o assunto em discussão devia ser grave. Era, realmente. Tratava-se do despedimento de mais umas dezenas de operários, que viriam engrossar o já numeroso grupo dos «sem trabalho».

Os mais exaltados eram os que continuavam trabalhando, mas que mais dia menos dia teriam a mesma sorte se não fôsse possível debelar a terrível crise em que a indústria se debatia. Os outros, os que tinham sido lançados á rua, cabisbaixos, pensavam na desgraçada situação em que se encontravam. Viam já a miséria com o seu interminável cortejo de horrores bater lhes ás portas, invadir lhes os lares, para lhes arrebatara a relativa felicidade que disfrutavam. Viam os seus filhinhos com fome, alguns deles doentes, eles próprios esmolando um misero pedaço de pão para poder enganar os estômagos famintos. De entre os últimos, destacava-se um, que aparentando uns trinta anos e que parecendo embrenhado nos mais tristes pensamentos ainda não soltara uma palavra sequer, de queixa ou de revolta. Dir-se-hia que o fatídico aviso colado na parede da oficina o assombrara.

A fábrica ficava situada em Alcântara e Pedro — assim se chamava elle — morava para os lados da Graça. Como já não chovesse deliberou ir a pé. Sempre eram uns centavos que poupava, pensava ele. Agora, mais do que nunca, era preciso economisar rigorosamente o pouco dinheiro de que dispunha. Pedro era económico, mas nunca conseguira amealhar mais que uns escassos escudos. Apaixonado pela musica e pela literatura, as suas extravagancias consistiam em ir uma ou outra vez ao teatro e comprar algum livro rigorosamente seleccionado entre aqueles que desejaria comprar. Dotado duma grande sensibilidade, affligia-se profundamente com as desgraças alheias e por mais duma vez socorrera um ou outro companheiro mais necessitado do que elle e, ás vezes, com sacrificio de si e dos seus. Apostolo fervoroso dum ideal sublime, sempre condenara os excessos que se cometiam em nome desse ideal. Entretanto tinha anoitecido, e a chuva parecia querer recommençar a sua tarefa de encharcar tudo e todos. Pedro estugou o passo. Sua esposa devia estar inquieta com esta demora. Casado ha oito anos, tinha duas filhinhas: Maria, de seis anos, e Alice, de poucos meses. A mais velhinha estava bastante doente havia alguns dias. Como lhe seria possível agora, sem trabalho, atender aos gastos excepcionais originados por aquela doença? E via já aproximar-se

O SEM TRABALHO

Formosa pagina em que se retrata a desdita de um pobre e honesto trabalhador. Novela simples e emocionante, traçada com maestria.

o fim do mês, com o inevitável pagamento da renda da casa, o fiozito e os brincos de sua esposa, o seu relógio e as suas melhores roupas no penhorista, de vendendo ao alfarrabista por um a ninharia os seus livros que tanto amava e que com tanto sacrificio adquirira!

E depois de esgotado o ultimo recurso, que fazer? Estenderia a mão á



Ela notou-o e foi com inflexões carinhosas na voz que inquiriu...

caridade publica, ele que nunca fôra mandrião e que vendia saúde? E pensando isto sentiu um frémito de revolta percorrer-lhe o corpo. Então era justo e humano que ele, que trabalhava desde criança, fosse obrigado a mendigar um pedaço de pão para que seus filhos não morressem de fome, quando havia outros que nunca tendo produzido nada de util passavam uma vida sem preocupações?

Finalmente chegou a casa já um pouco molhado. Sua esposa veio abrir-lhe a porta, trazendo impressos no rosto os sinais duma viva inquietação. O semblante desanuviou-se lhe vendo aparecer aquele que esperava com tanta ansiedade. Pedro, para não assustar a sua esposa, tentou sorrir, fazendo um esforço sobrehumano, mas sem o conseguir completamente. Ela notou-o e foi com inflexões carinhosas na voz que inquiriu dos motivos daquela tristeza. Ele não respondeu logo. Preguntou pelas filhas. A doente continuava na mesma e a pequerucha tinha adormecido, e ela, dizendo isto, continuava a fitar com insistencia o perturbado rosto de seu marido, como que se quizesse ler-lhe nos olhos o motivo daquela perturbação.

Foram para a meza. Durante o jantar pouco falaram, e foi no fim dele que Pedro se resolveu a falar, articulando pausadamente as palavras como

que a custo, e observando no rosto da esposa o efeito produzido por ellas.

As primeiras palavras reprimiu ella um ligeiro sobressalto e foi com a maior atenção que o ouviu até final, sem interrompe-lo. Quando elle acabou ella tentou anima-lo, dizendo que tivesse esperança, que talvez a paralisação no trabalho fosse por poucos dias, enfim, não valia a pena desanimar, ella costuraria para fora, porque se sentia ainda com forças para isso, e continuou falando ainda algum tempo procurando convence-lo de que não se devia apouquentar tanto, e dizendo tudo isto ella sorria tristemente porque, coitada, estava intimamente convencida da negra sorte que os esperava.

Pedro, acabado o jantar, pegou num vtro, abriu-o ao acaso e tentou ler. Não o conseguiu. As ideias baralhavam-se-lhe no cerebro e não conseguiu fixar nada do que lia. Deitou-se. Lá fora chovia agora fortemente e o vento assobiava lugubrememente pelas frinchas das janelas. Apesar das fortes emoções do dia não conseguiu logo conciliar o sono. O espectro da miséria perseguia-o tenazmente.

Finalmente, quasi de madrugada, conseguiu adormecer. No dia seguinte de manhã acordou-o o chorar da pequenita. Chovia abundantemente. A tristeza do dia a juntar ás suas preocupações fazia pezar sobre elle um ambien-



Estava ainda mal refeita da surpresa que isto lhe causara, quando seu marido entrou...

te de tragedia. E elle ficou-se pensativo, olhando por largo tempo as gotas de agua que escorriam pelos vidros das janelas. No outro dia, embora sem esperança, procuraria trabalho. Se fosse preciso, dedicar-se-hia aos mais rudes mestêres para que o pão não faltasse ás suas filhinhas, victimas innocentes duma pessima organização so-

cial. E foi um pouco animado por esta idéa que elle passou o dia de domingo.

Passaram-se dois meses. Pedro não conseguira encontrar trabalho porque a crise tinha-se agravado. Tudo estava vendido ou empenhado. Nada escapara á voragem e a fome instalara-se naquella lar outrora tão feliz. Pedro deambulava os dias inteiros pelas ruas da cidade, e a fome minava-o lentamente. Já não procurava trabalho. Bastava o seu aspecto semi-andrajoso para inspirar desconfiança onde se apresentasse. Passava defronte dos restaurantes modestos ou luxuosos. Nuns como nos outros as iguarias apinhavam-se nas vitrines, produzindo-lhe no estomago faminto uma impressão dolorosa. Ficava ás vezes extatico durante largo tempo olhando para ellas e atravez dos vidros via outros mais felizes do que elle comendo e bebendo tranquilamente.

Numa dessas vezes, fascinado pelo que via, estendeu a mão inconscientemente para aqueles apetitosos manjares. Ao sentir a mão bater no vidro da montra, Pedro voltou á realidade, olhando envergonhado á volta de si. A multidão passava indifferente em volta dele.

Naquella noite Pedro encaminhara-se maquinalmente para a Baixa. Subiu o Chiado. Sem saber como, encontrou-se em frente do teatro de S. Carlos. Cantava-se nessa noite a «Manon». O largo em frente do teatro estava apinhado de automoveis. Pedro parou. Tinha terminado o espectáculo e elle, na obscuridade, assistiu ao desfile da «élite» que nessa noite enchera o teatro.

Riquissimas «toilettes» passaram por elle. Aspirou inebriantes pe fumes. Subitamente estremeceu. Aczbara de ver o seu ex-patrão acompanhado de sua esposa, e os seus olhos fascinados por tanta riqueza pousaram sobre a cruz de brilhantes que pendia dum riquissimo colar. Pedro baixou a cabeça como que envergonhado de se encontrar ali. O industrial tinha passado, e a cruz, desprezendo-se do colar de sua esposa, caíra aos pés de Pedro, como que a oferecer-lhe a felicidade. Olhou em volta. Ninguém reparara nele. Abaixou-se o mais disfarçadamente que pôde e apanhou a cruz, e sem se atrever a metê-la na algibeira afastou-se com ella, apertada na mão.

Enquanto caminhava como que embriagado, sentiu-se invadir duma grande alegria. Aquella cruz representava o pão para suas filhas durante largo tempo. Que feliz acaso lhe guiara para ali os passos! Aquele achado providencial tornara-o quasi communicativo. Sentia vontade de abraçar toda a gente. Sentia a necessidade de falar com alguem. Encaminhou-se para casa. Passada a vaga de alegria veio o frio raciocínio, e Pedro via agora que aquella cruz não era pertença sua. Achara-a, é certo. Mas elle sabia de quem era. Devia entrega-la. Repugnava-lhe já ficar com ella. Consideraria isso um roubo.

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 7

Rosita, a cigana

*A vida dos ciganos... As suas leis,
os seus sacrificios. A morte,
para quem atraiçoa o espirito
da raça!*

A sua historia é quasi a mesma que a de todas as mulheres a quem o negro fado atirou para os lodaçais do vicio e da desonra.

De pura raça cigana, Rosita, jovem e formosa como quasi todas as ciganas, enamorara-se perdidamente de um rapaz que não era da sua raça.

Os pais em breve souberam deste criminoso idílio e Rosita sofreu os mais horribes tormentos, suportou cruelmente toda a sanha feroz e maldita dos da sua raça.

Mas o amor não conhece obstaculos e, uma noite, noite triste e sonhadora, como os seus negros olhos de cigana, Rosita fugiu com o seu bem amado, com o eleito do seu coração.

Ao alvorecer do outro dia, no acampamento, foi descoberta a sua fuga, a sua infame traição, a sua inaudita afronta contra a sua raça, contra a sua farrática religião!

Toda a horda vibrou num sentimento de feroz repulsa e solenemente foi dicidida e jurada a satanica vingança a tirar de tão criminoso afronta.

Rosita, a cigana, foi condenada á morte pela sua tribu!

...

Rosita passou dias de venturosa felicidade ao lado daquele a quem entregara o seu coração e a sua vida.

Foram para muito longe, para uma pequena casita perdida na imensa solidão das serranias da Beira. Amaram-se muito. Passaram juntos horas inefaveis dum idílio sem par, e quando á noite os castanheiros orquestravam a litania das suas velhas lendas, ficavam-se de mãos dadas, lábios unidos, a escutar a voz indefinida da floresta, tecida de lamentos e de preságios...

...

Mas a felicidade nunca pode ser eterna.

O amante de Rosita em breve se começou a enfasiar com aquele amor calmo e sossegado, sem tempestades, sem violencias, monotono como as



Passaram juntos horas inefaveis dum idílio sem par...

paredes duma prisão. Em breve ele começou a sentir nos beijos quentes e apaixonados de Rosita o amargor do tédio.

Para êle, Rosita começou a ser um simples objecto material sem interesse já, ao qual aquela posse prolongada destruira todo o extranho poder de se-

dução que outrora lhe encontrara. Succede sempre assim, há sempre uma contradição entre o que se quer e o que se obtém!

São belas as coisas enquanto não tocamos a sua beleza. Só encanta o que não se experimenta. Feliz aquele que vive todo de sonhos irrealizáveis! Nunca aborrece o que nunca se alcança!

Rosita começou, pois, a ver arrefecer aquele amor que era a sua vida, aquele amor que ela, pobre louca! — julgara eternamente apaixonado e ardente como um sol de Agosto!

A sua vida começou a tornar-se num pesado martirio. Chorou, sofreu todas as agruras do desprezo do homem a quem se entregara cegamente, e por fim chegou o fatal dia em que Rosita se viu abandonada, só no mundo, despresada pelo seu amor, odiada pelos seus, escorraçada pela miseria, tendo apenas por companheira a sua peregrina beleza de cigana, essa beleza que fôra a sua perdição, a sua desonra e que havia de ser a sua morte! Passou frio, passou dias sem um

bocado de pão para matar a fome que a atormentava, pensou no suicidio, mas até essa suprema felicidade lhe foi recusada, pois que foi salva da morte que voluntariamente procurava.

Que fazer pois perante tanta desventura?

Que fazer perante tanta miseria? Em toda a parte lhe haviam recusado os seus honestos serviços, restava-lhe, pois, apenas o seu corpo, esse formoso corpo bronzeado de cigana!

Rosita hesitou. Ao principio causou-lhe repugnancia, pejo, nojo tão grande aviltamento para a sua alma, infeliz mas honesta ainda!

Por fim não teve remedio senão conformar-se com a sua infeliz sorte e entregou-se a troco de alguns vis farrapos de papel que lhe permitiram gozar um bem-estar a que ha já muito não estava acostumada!

Passaram meses e finalmente Rosita acabou por se resignar com aquela aviltante profissão.

Vendeu beijos, vendeu sorrisos, ven-

deu caricias, vendeu o proprio sangue, aquele sangue que só o Amor sabe pagar! Oh! mas os seus beijos eram soluços, os seus sorrisos eram gemidos, as suas caricias eram lamentos duma alma ha muito despedaçada para o amor e para a vida!

Andou de terra em terra, qual vil mercador em procura de novos mercados, de novos compradores da sua carne a que o vicio havia já posto sinistras manchas de devassidão e de pecado!

E foi assim que eu a vim a conhecer em Torres Vedras; foi assim que



... com o coração trespassado pela lamina de uma navalha vingadora.

Rosita, por entre soluços e lagrimas de sangue, me contou, numa noite linda de guitarras e de boémia, toda a historia do seu negro e maldito fado!

...

Passaram tempos. Nunca mais soube o que era feito de Rosita...

Um dia li nos jornais a lacónica noticia da sua morte em Santarem, com o coração trespassado pela lamina de uma navalha vingadora.

O assassino fôra um cigano, fôra seu proprio pai!

Estava cumprido o fatal juramento.

Pobre Rosita!... Parece-me que ainda a estou a ouvir contar-me as suas negras maguas, com a sua voz meiga e suave como o murmuro duma fonte de cristal, fitando em mim os seus olhos negros, os seus olhos de cigana, tristes e sonhadores como duas noites misteriosas do Nilo!

HELDER DOS SANTOS TORRES

Sem Trabalho

(Continuação da pagina 6)

Entre a imperiosa necessidade de sair daquela vida miseravel e a sua honradês, que a miseria não conseguira ainda obliterar, travou-se uma terrivel luta. Dum lado via as suas filhinas bem alimentadas e alegres, do outro via a continuação daquela vida de tortura que se prolongaria até um tragico desenlace, e Pedro passou assim uma terrivel noite de insónia. Manhã cedo levantou-se. A honradês tinha triunfado. Iria entregar a cruz. E tomando esta resolução, sentiu-se orgulhoso. Comeu uma côdea de pão já durissimo, e saiu na direcção do palacete do patrão. Chegando, bateu á porta, e não foi sem desconfiança que conseguiu ser introduzido. A senhora estava almoçando. Esperou um bocadinho e quando ela apareceu, ele levantou-se e tirando a cruz da algibeira entregou-lha, dizendo: «E' sua, minha senhora; achei-a e venho entrega-la». Ela olhou espantada para aquele homem andrajosamente vestido que vinha entregar-lhe espontaneamente aquela joia de avultado preço. Estava ainda mal refeita da surpresa que isto lhe causara, quando seu marido entrou e se que- dou extatico com o espectáculo que

via. Informado do que se passava, o industrial levou a mão á algibeira, como para tirar a carteira, talvez na intenção de premiar generosamente aquele rasgo de sublime honradês. Pedro, com um gesto, interrompeu o Trabalho, era a unica recompensa que ele ambicionava, e descreveu ao industrial o que tinha sido a sua vida de miseria desde que a crise de trabalho o lançara para a rua. O industrial ouviu-o em silencio, visivelmente comovido. E quando Pedro acabou, disse-lhe que podia reocupar o logar que dantes tinha na fabrica e readmitiria tambem os outros operarios. Pedro regressou a casa, radiante, duma alegria comunicativa, depois de ter almoçado em casa do patrão. Sua esposa recebeu a boa nova com alvoroço.

Passado algum tempo a felicidade entrou de novo naquela casa. O industrial pagara-lhe as dividas e Pedro recebia agora um melhor ordenado do que antes.

E Pedro e os seus renasciam para a Vida, graças ao seu gesto de assombrosa honradês.

IGNORANCIA



— Não é o meu amigo que toca maravilhosamente violino?...
— É... a bem dizer, não sei. Nunca experimentei...

JOSÉ ROSA JUNIOR

O DOMINGO
ilustrado

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

CAS PALAVRUCIDAS
passatempo moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

NUMERO EXTRAORDINARIO
SECCÃO CHARADÍSTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA
24 JULHO 1927

Apuramento da 4.ª Série: (12 NUMEROS)
Apuramento do n.º 3 (5.ª SERIE)

Produções publicadas 177

DECIFRADORES

AFRICANO, DITE, DRO, E, HOPE, MAMEGO (177); D. GALENO (178); LILI (179); BIXO KINHOTO, EURISTO (181).

Ordígues, (86); Lhalha, Orlando—o—Paladino, Rei-Fera, D. Vasco (92); Menandof (61); Jamengal (54); Poforonoff (43); Dois Principiantes (40); Sparianus (37); D. Simpatico, Vasco Dias (30); Camarão, Lord Dá Nozes (29); Uts (17); Viriato Simões (16); Avlarido, Frangerque (21); Visconde da Relva (19); Marianita (18); Auleka (13); Bagulho (11); Art'Alves (10); Anlelo (7); Pausanias (6); Reiróbi (3).

CLASSIFICAÇÃO DOS DECIFRADORES

1.ª CATEGORIA

Com mais de 90 o/s

AFRICANO, DITE, DROPE, HOPE, MAMEGO, D. GALENO

2.ª CATEGORIA

Com mais de 70 o/s

LILI, BIXO KINHOTO, EURISTO

3.ª CATEGORIA

Com mais de 50 o/s

Não houve concorrentes.

CAMPEÃO

Sendo 6 os concorrentes ao título de «Campeão dos decifRADORES», será este sorteado pela loteria da Santa Casa da Misericórdia, de 30 do corrente cabendo a cada um 1450 numerus pela ordem acima indicada.

PRODUTORES

Bixo Kinoto, 10 produções, Africano Dite, Euristo, Jamengal, Visconde da Relva (9); Mamego (7); Bagulho, D. Galeño, D. Simpatico, Drope, Frangerque, Uts (6); Marianita (5); Anlelo, Avlarido, Dois Principiantes, Gabi (4); Auleka, Camarão, Dr. Grifio, Mindogos, Kazalas, Rei-Fera, Remandof, Samel Rivalelo, Saturno, Sparianus (3); Poforonoff, Homem Sem Nome, Hife, Lord Dá Nozes, Mané Beirão, Vasco Dias, Viriato Simões (2); Adamastor, Art'Alves, Aulelo, Callar, Castrolva, Eopio, Lubengrin, Orlando—o—Paladino, Otropavus, Pausanias, Rei do Orco, Viscond X (1).

CLASSIFICAÇÃO DOS PRODUTORES

RESULTADO DAS VOTAÇÕES PARA OS

QUADROS DE DISTINÇÃO

EURISTO	3 quadros com	35 votos
JAMENGAL	2	19
ORDÍGUES	1	17
BAGULHO	1	14
VISC. DA RELVA	1	8
DITE	1	6
MARIANITA	1	5
KAZALAS	1	5

OUTRAS VOTAÇÕES

D. Simpatico (10); Jamengal, Uts (9); Bagulho, Euristo Bixo Kinoto (5); Dite (3); Camarão, (2); Anlelo, Auleka, D. Galeño, Frangerque, Gabi, Mamego, Mané Beirão, Rei-Fera, Vasco Dias, Viriato Simões, Visconde da Relva (1).

CAMPEÃO

O título de «Campeão de Produtores» desta serie, coube ao distinto charadista «Euristo», a quem enviamos as nossas felicitações e pedimos a fignra de nos remeter, o mais breve possível, uma sua fotografia, para ser publicada num dos proximos números.

O LABORADOTES

QUADRO DE DISTINÇÃO

MATUTO

N.º 1 3 Voto

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, DROPE,

Com 14 decifrações (Totalidade)

OUTROS DECIFRADORES

Remandof (6); D. Simpatico (5), Dalila Lagemar, Gadurôma (4).

DECIFRAÇÕES

1—INDE, 2—alveiz, 3—lapada, 4—marabuta, 5—acerto, 6—compadrado, 7—ventana, 8—burrada, 9—farrado, 10—zurado, 11—cabotino, 12—transporte mesmo, 3—capacidade, 14—A's nave deita-te e dorme.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

N.ºs 1, 3, 5, 6, 7, 10, 11 e 14, de «Matuto», «Camarão», «Africano», «Dite», «Gabi», «Drope», «Dois Principiantes», e «Avlarido».

DEDICATORIAS

REMANDOF, decifrou a charada que POPO RONOFF lhe dedicou.

EXPEDIETE

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada á R. Alvaro Coutinho 17, r/c, Lisboa,—NORTE.

Accessorios PARA automoveis

Dartoot & C.ª L.ª

23 — Praça do Municipio — 24

LISBOA

Os insectos das arvores

Evita eficazmente que as arvores sofram os enormes prejuizos que causam todos os insectos, usando-se o acreditadissimo produto americano:

Cola «TANGLEFOOT»

A' venda na DROGARIA CEZAL

De ALBINO GARCEZ 12, Rua do Comercio, 14

QUADRO DE HONRA

DOIS TORREJANOS, DOIS CARTAXEIROS, BENEDICTO, DALILA LAQEMAR, OSOPAR, PAUSANIAS, MARIDO MULHER & FILHO, EDIPO IGNOTO, MINTES, GADUROMA, RENANDOF, N.º 2, DESTERRADO 3824, OIRIL, NONO.

DECIFRAÇÕES DO N.º 129

HORIZONTAIS.—1 Sara, 2 selo, 3 anel, 4 antiga, 5 anaesad, 6 se, 7 ré, 8 ar, 9 ya, 10 Irmãna, 11 ca, 12 on.

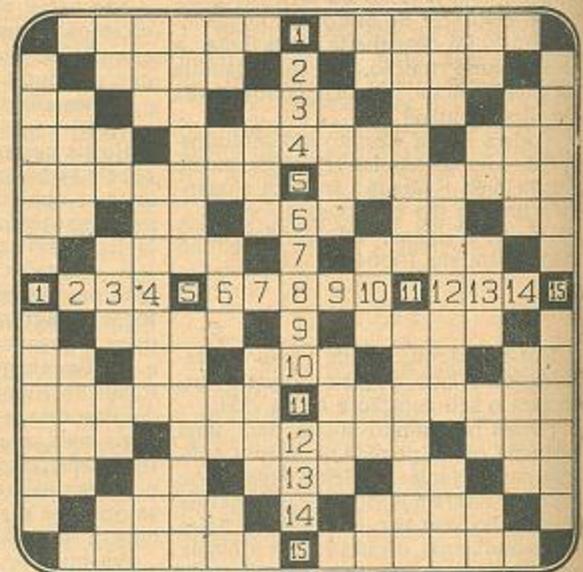
VERTICAIS.—1 Susana, 4 America, 6 Sa, 13 amolga, 14 ente, 15 Geis, 16 Adriano, 17 ea, 18 Rã, 19 no.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso illustre colaborador «Visconde da Relva».

HORIZONTAIS.—1 «mulher», «mulher». 2 nobre, «homem». 3 filho de Auluc», «gigante venerado pelos Assirios», prologo de uma composição dramatica, «cidade da França», onde. 4 «navio», «mulher», rim. 5 seduzes, pé de verso, grego ou latino, composto duma sílaba longa seguida de duas breves. 6 «filha de Inacho e Ismene», «mulher da comitiva de Rhea», regente, «ninfa», não. 7 alimentação, grande numero. 8 «rio da Espanha», «homem», o numero designativo do ano. 9 «rio da Africa», donaire. 10 o, pois, coração, vós, «uma das ilhas de Cíclades». 11 libra esterlina, uniram. 12 «genero de arvores intertropicaes de madeira muito dura e estimada, um dos termos da flexão verbal grega, correspondente ao que chamamos infinito pessoal, inicio de uma nova ordem de coisas. 13 «letra grega», «vénus dos Assirios», «jogo de rapazes», «especie de tambor oblongo», «rio da Tartária», 14 corria muito, «ave canora do Brasil». 15 camisa «planicie deserta».

VERTICAIS.—1 calças curtas, «mulher». 2



Lisboa—Visconde da Relva

«primeira nota musical», nesse tempo. 11 parecido ao azevinho, deitar rebentos. 12 «navio», «homem», salto brusco. 13 onde, telinta, «medida de comprimento entre os gregos», «ilha da França no Oceano Atlantico», a gente. 14 «mulher», «duro». 15 «colarinho caído sobre os hombros», «planta rosácea e febrifuga».

CORREIO

PAUSANIAS.—Pode mandar quando quiser. PEPE, EL HERMOSO.—Pode mandar. Se estiver em condições publicar-se-ha.

DR. FANTASMA

L C SMITH

A maquina de escrever que pela sua resistencia e rapidez todos preferem

CADA BARRA DE TIPO TRABALHA COM ROLAMENTO DE ESFERAS

Pedir catalogos e detalhes aos representantes exclusivos para Portugal e Colonias

THE MODERN OFFICE LTD.

107, R. DO ALECRIM — TEL. T. 66



COOPERATIVA DOS

Estofaodres e Decoradores

Premiada na Exposição do Rio de Janeiro em 1908 com a medalha de prata

Sociedade de Responsabilidade Limitada

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS EM ESTOFO, TANTO EM NOVO COMO REPARAÇÕES E BEM ASSIM PINTURAS E ENCERRAMENTOS DE CASAS

ARMAÇÕES, TAPETES, OLEADOS, MOBILIAS POLIDAS, MOVEIS DE FANTASIA, PAPEIS PINTADOS, ETC.

PREÇOS MODICOS

31, Calçada da Estrela, 33

LISBOA

Telefone T. 39

A melhor Whisky é o White Horse

VARIA

A Aldeia dos Estudantes em Paris

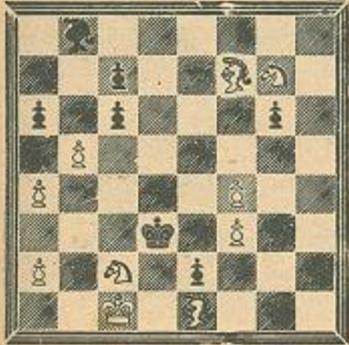
Barreira de Sombra

CAMPO PEQUENO



A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Oremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 132 PROBLEMA
per Hans Cii
Pretas (7)



Branças (10)

Mate em quatro lances (4)

Entre os diferentes soluçõens deste problema será tirado a sorte um premio. As soluções devem ser enviadas até ao proximo domingo, inclusive, e conter a análise das variantes até ao 3.º lance pelo menos. A soluções será publicada com o n.º 134.
Premio: 1.º fasciculo do livro de Nimzowitch: «Meln system»; 56 paginas, 8 partidas analisadas e discussões teõricas de alguns elementos do jogo; posse do centro, linhas abertas etc.

Soluções do problema n.º 131 (Damage)

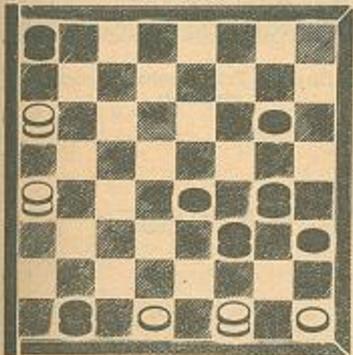
1 Cf 5, Re 5; 2 Dh 8 +
Rxc 6; 2 Cc 5 x d 7
b 7xc 6; 2 Da 4
d 7xc 6; 2 Rf 6
d 7-d 6; 2 Ce 7 +

Resolveram o problema N.º 130 os srs. Nunes Cardoso, Marcelino Marques de Barros e Maximo Jordão.

SERAFIM & LOPES, L.ª
Ferragens e Ferramentas
Louças de ferro esmaltado e Estante e Alumínio. Bigornas, Cavaletes, Sagra, Tornos e Engenhos de furar. Foles.
R. de S. Paulo, 43 a 47
T. dos Remolares, 50 e 52
Telefone C. 844—LISBOA



PROBLEMA N.º 131
Pretas 4 D e 3 p.



Branças 3 D e 2 p.

As Branças jogam e ganham.

Soluções do problema n.º 130

Branças	Pretas
1 6-10	15-6
2 7-10	14-7
3 17-21	5-14
4 21-25	59-22
5 11-16	18-4
6 16-10	23-16
7 20-11-2-9 18-29	

Ganha

Resolveram o problema n.º 129 os srs.: Armando Machado (Ilhavo), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barta Salgueiro (Bemfica), Fausto Violante (Colares), H. Braga (S. Iubal), José B. Adão (Infantas), Mario Domingos Pereira, «Neulame» (queira da For), Victor os Santos Fomesca.

O problema hoje publico (foi nos enviado pelo sr. José da Silva Lopes (Joiafe), que o ofereceu ao seu amigo sr. Dr. José Rafael Sampaio, o melhor jogador das Damas da Figueira da Foz, actualmente em Louisa.
Toda a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas. Dirija a secção o sr. José Nunes Cardoso.

Já há tempos, no nosso número de 26 de Dezembro, aludimos á «Cité Universitaire» de Paris, verdadeira aldeia de estudantes, aldeia onde todas as casas são edificios monumentais. Já lamentámos que Portugal não fizesse o sacrificio material suficiente para que os nossos melhores estudantes tivessem tambem um lar nessa metrópole consituida por uma população de elite e cuja influencia futura, na politica e na diplomacia mundial, será admirável.

A recente cerimonia, presidida pelo principe de Gales, em 8 do corrente, da colocação da primeira pedra para o pavilhão dos estudantes ingleses, no qual podem alojar-se trezentos estudiosos subditos do rei Jorge, veiu dar nova actualidade a essa bela e florescente organizações de que a França tanto se orgulha.

Em 30 de Outubro proximo passado, já o herdeiro do trono inglês, acompanhado pelo

nal tem autonomia e regime próprio, tambem é certo que no recinto da «Cité» há serviços comuns que serão locais de reunião, frequentados por representantes escolhidos de cada nação. Há «restaurant», biblioteca, «club» Universitário, salas de reunião, de recreio e de música, campos de jogos, que são outros tantos ensejos de último contacto entre toda a população de estudantes. Tudo indica que, em breves anos, um comum espirito de camaradagem unirá todos os antigos habitantes da «Cité», que serão os mentores da futura politica internacional.

Portugal ainda não reflectiu em tudo isto, ainda não sentiu a necessidade de ter o seu pavilhão no grande recinto da Cité, no boulevard Jourdan, por detraz do Parque Montsouris. E, já que não aparece um Mecenas que, embora em escala reduzida, imite o gesto magnânimo de Emile Deutsch de la Meurthe, que deu

Um quarto de estudante, na «Cité Universitaire» de Paris.



Um quarto para uma senhora estudante na «Cité».

presidente da republica frances, inaugurara o pavilhão canadiano, no recinto da «Cité Universitaire». O pavilhão belga será inaugurado no proximo outono e tem alojamentos para 225 estudantes. O pavilhão japonês, com decorações do grande artista Toujita, está já adiantadissimo.

Já estão fechados os contractos para uma Casa dos Estados Unidos e uma Casa da Republica argentina. A Suécia e o Brasil preparam-se para edificar os seus pavilhões.

Todos estes países comprehendem o grande alcance da iniciativa de organizar uma cidade univrsitária bem universal, no coração de Paris, grande foco duma civilizações que é a directa herdeira da civilizações greco-romana e que, sem nenhum espirito de nacionalismo, de chauvinismo, está em condições de ser a encantadora de todos os mais perfeitos espiritos espalhados pelo vasto mundo.

A cidade Universitaria deve ter, no equilibrio europeu, uma influencia bem mais benéfica que a da Sociedade das Nações. Porque, se é verdade que, dentro dela, cada fundação nacio-

14 milhões de francos, para as primeiras construções—, urge que o Estado faça mais este sacrificio, um dos r-ros que todos aceitarão como indispensável e inteligente.

O entusiasmo dos franceses pela «Cité Universitaire» é tão grande que, tomando-se insufficientes os edificios construidos pela dotação Deutsch de la Meurthe—onde há quartos para 350 rapazes e 60 raparigas—começaram já a construção de novos edificios, estando calculado que cada novo quarto importa nuns cinco mil francos. Cada pessoa que fizer a oferta dessa quantia tem direito a pedir que o quarto dum estudante tenha o nome de qualquer pessoa querida, já falecida. E, assim, muitos pais que perderam filhos na grande guerra podem honrar, da maneira mais nobre, a memoria do seu sempre saudoso morto. É uma idéa enternecedora e que deve dar os mais proveitosos frutos. Tornar util á cultura universal a morte de alguém que morreu para defender o espirito contra a força, é levar o mais longe possível a comprehensão das suas responsabilidades civicas.

Cosulich Line Presidente Wilson

esperado a 23 de Julho

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª
CAES DO SODRÉ, 64, 1.º LISBOA Telef.: C. 3601, 3602 e 3603

ANUNCIAR NO ECRAN LUMINOSO DO RÓCIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ

As tiras colocadas nos cartazes, quasi á ultima hora do dia 16, annunciando a comparsa da Banda Municipal de Madrid no redondel do Campo Pequeno, a fim desta abrilhantar a corrida, levava a crer que a enchente para o espectáculo seria um facto, quando tal não succedeu, vendo-se as galerias quasi desertas, o sol com bastantes falhas e os logares de sombra apenas occupados por accionistas, imprensa e umas centenas de aficionados dos que nunca faltam ás touradas, mesmo ao sabado e como esta, que apenas tinha a recommenda-la a celebre «espora de ouro», num concurso de cavaleiros, em que os concorrentes eram: um profissional, dois amadores, embora distintos, e um «cabalista», cujo valor, como simbolo de Marialva, está equiparado a um zero á esquerda de um numero. Não está certo...

O 1.º touro, bravo, coube a João Nuncio, que brilhou em toda a lide. O trabalho deste cavaleiro foi superior e a cvação que recebeu tocou as raías do delirio.

O 2.º touro, de regular bravura, destinado a Cañero, foi mal farpeado, havendo quem atribua este fracasso á falta das suas «jacas», substituidas por montadas de Rufino da Costa. O audacioso «cavaleiro», depois do seu trabalho equestre, volta a lidar o touro, de muleta, executando uma facra muito cingida e adornada, rematada com um bom simulacro de morte pelo que ouviu muitas palmas.

O 3.º touro, mansissimo, para o valente lidador D. Alexandre Mascarenhas, depois do ter saltado numeras vezes á trincheira, recolhe com alguns ferros difficilmente colocados pelo referido cavaleiro, bastamente aplaudido, em atenções aos esforços que empregou de magnifica preparações nessa réz, a pior de todas.

Segue-se o intervalo e rompe praça o 4.º touro, para o simpatico cavaleiro D. João Mascarenhas, que se portou com valentia e muita vontade de agradar, o que não consegue, devido á má qualidade do touro.

O 5.º touro, bem farpeado por João Nuncio e Alexandre Mascarenhas, não possuia a bravura necessaria para os seus antagonistas poderem brilhar, tendo sido contudo muito animada a lide de ambos, premiada com uma ovação em chamada especial.

Fecha a corrida o 6.º touro, para D. João Mascarenhas e Antonio Cañero, mimoseado por ambos com ferragem comprida e curta, bem colocada, muito especialmente um curto de Cañero, digno de menção e de aplausos, lance este precioso, ipor certo, e que se aproximou dos numerosos primores com que João Nuncio ganhou a espora de ouro.

Dirigiu bem a lide o sr. Conde da Torre; assistiram á corrida, até final, o sr. General Carmona e parte do ministerio; a banda espanhola executou quatro excelentes numeros musicais; os bandarilheiros descañaram, no referente á col-çãões de bandarilhas; forçados não houve, assim como tambem se fez sentir a falta de autoridade para punir severamente os arremessadores das almofadas para a arena, no final da corrida...

ZÉPEDRO

Nova Sapataria da Moda

GRAND PRIX—RIO DE JANEIRO DE 1908
MEDALHA D'O RO—S. LUIZ 1901

Grande sortimento em calçado em todos os generos.

Especialidade em calçado de luxo pelos ultimos modelos

VICTOR GOMES & FEDROSO

Exportações para a Africa e Brazil

PREÇOS RESUMIDOS

102, R. Augusta, 108

61, R. de S. Nicolau, 65

FILIAL NO PORTO—R. Sá da Bandeira, 231

TELEPHONE C. 1444

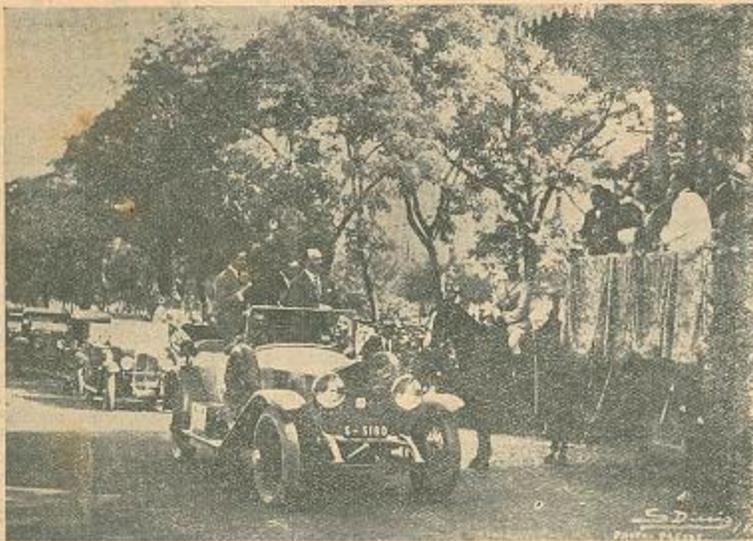
Não se toma a responsabilidade de calçado concertado em atrazo por mais de 3 mezes.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

actualidades graficas

A BENÇÃO DOS AUTOMOVEIS

O 14 DE JULHO EM FRANÇA



O primeiro carro com a direcção do Automovel Club. Um soberbo Roll-Royce, propriedade do sr. José Lino. Foto Salazar Diniz



Curioso desfile de tropas em frente do Arco do Triunfo. Foto Meurisse

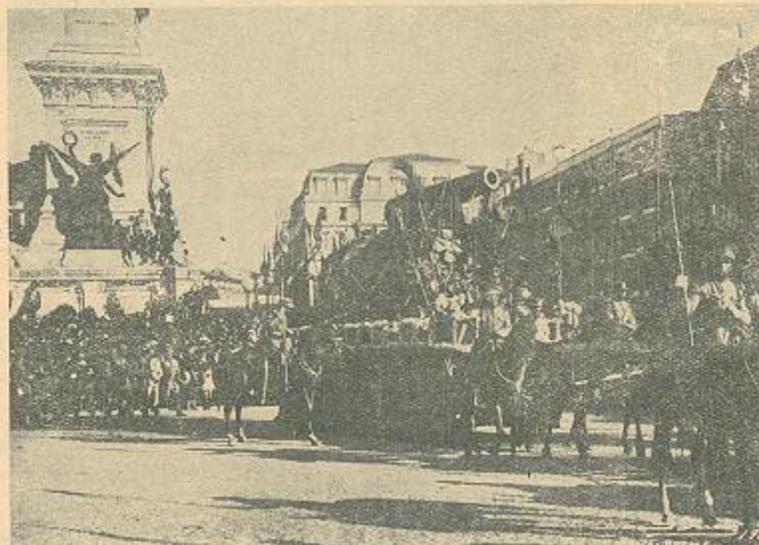
30 000 LEGIONARIOS AMERICANOS EM FRANÇA

O CORTEJO ALEGORICO DA AVENIDA

A BENÇÃO DOS AUTOMOVEIS



Mr. James Barton chega a Paris, a fim de preparar a recepção aos 30.000 legionarios americanos cuja viagem se realizará em Setembro. Foto Meurisse



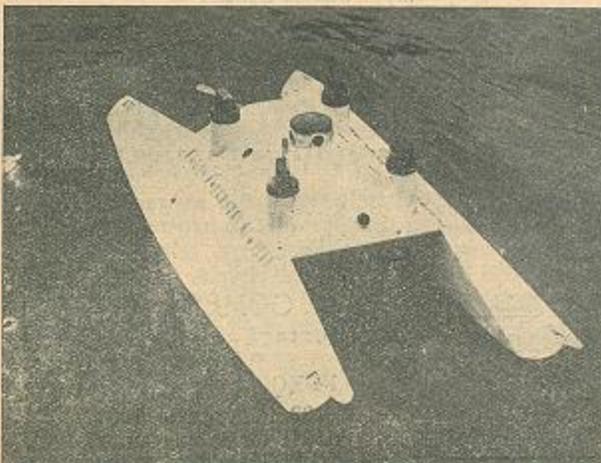
O carro da Art. Ihariz, um dos mais bem compostos e interessantes. Foto Salazar Diniz



O sr. Bispo de Trajanopolis dá começo á cerimonia. Foto Salazar Diniz

A NOVA TRAVESSIA DO ATLANTICO

A VOLTA A PORTUGAL



ARTE PORTUGUESA



Lindissimo trabalho executado nas oficinas de J. e M. Pedro Fraga, Rua da Palma 82.



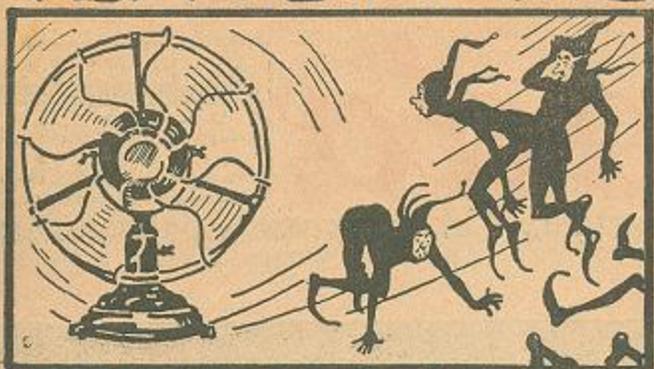
O carro que se prepara para e tabelecer o record da volta a Portugal, com os volantes Carlos Moniz Pereira e Artur Mimoso. Foto Salazar Diniz

O "hydro gliseur", transatlantico no Sena, após a experiencias. Com este aparelho pensa o engenheiro Remy fazer a travessia do Atlantico, nos primeiros dias de Agosto. Foto Meurisse

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

PUBLICIDADE

VENTOINHAS



FAZEM DESAPARECER
O CALOR
E AS MOSCAS
VENDEM-SE A PRESTAÇÕES MENSAS
NAS C^{AS} R^{AS} GAZ E ELECTRICIDADE
RUA DA BOA VISTA - 31

Sifilíticos

Preferi a todos os preparados os supositorios «LUESAN», unico caracterizado pelas seguintes propriedades — EFICACIA COMPLETA — TOLERANCIA ABSOLUTA — EMPREGO FACIL.

A' venda em todas as farmacias, e nos depositarios exclusivos:

Sociedade Industrial Farmaceutica

FARMACIA AZEVEDO, IRMAO & VEIGA
24, Rua do Mundo, 28

FARMACIA AZEVEDO, FILHOS
31, Praça D. Pedro IV, 32
LISBOA

USE SOMENTE A

PASTA DENTIFERICA
JABA,

A MELHOR PARA A HIGIENE E
BRANQUEAMENTO DOS DENTES

Laboratorio de Correia & Valente L.^{da}
RUA DOS FANQUEIROS, 30

COLCHOARIA

EXECUÇÃO RAPIDA DE TODOS
OS TRABALHOS



SUMALMA, Lã, CRINA E
PALHA DE MILHO

CONCERTOS E ADAPTA-
ÇÕES—ORÇAMENTOS
TELEF. CENTRAL 2981



CAMAS DE FERRO, LAVATORIOS, COLCHÕES
DE ARAME

Manuel José do Rosario

26, Calçada da Estrela (esquina)—R. Correia Garção, 15, 17 e 19
(Frente á Avenida das Côrtes)

GAZ E ELECTRICIDADE

LUSTRES E CANDIEIROS, CHEGARAM LINDOS MODELOS

Banheiras de ferro esmaltado — Instalações electricas, campainhas e telefones.
LE TORRIDE; o melhor esquentador automatico para banho (Depositarios).
Instalações completas de casas de banho — LOUÇAS SANITARIAS.

BICO NACIONAL AUREO, L.^{da}
(Não confundir com o Bico Auer)

R. 1.º DE DEZEMBRO, AO ROSSIO, 33, 35 e 37 — Telefone Norte 3047

AUTOMOBILISTA LIMITADA

160, RUA ALVES CORREIA—LISBOA

Sempre o maior sortimento de accesorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico: AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

Emprezas de Taxímetros

ECONOMISAI!

Lembraí vos que a época de verão exige uma lubrificação cuidada e que usando o

não só garanteis a conserva-
ção do material como mais ain-
da, economisareis cerca de 50 %
em óleo e 15/20 % em gasolins.
Ponderai n'isto e vinde sem he-
sitação ao escriptorio do repre-
sentante onde não só encontra-
reis o grau de CASTROL apro-
priado para o vosso motor, a
granel ou em latas, como pes-
soal tecnico habilitado que vos
fornecerá todos os esclarecimen-
tos necessarios.

WAKEFIELD
Castrol
MOTOR OIL

Representante: A. A. FELIX DA COSTA

113—Avenida da Liberdade—115—LISBOA

EMPRESA
ELECTRICA, L.^{da}

ESTORIL—Grande Parque
do Estoril—Telefone 90
CINTRA—Telefone 28

OFICINAS: L. de S.^{ta} Marinha, 26

ELECTRICIDADE

Instalações completas, Telefones, Ventoinhas,
Pára-raios, Lustres, Motores, Bombas centri-
fugas e Material electrico.

LISBOA: Rua da Prata, 120-1 e
TELEFONE C. 3198

ENCANAMENTOS

Agua, Gaz, Aquecimento, Material sanitario
nacional e estrangeiro, Bombas de todos os
sistemas, Montagens completas de casas de
banho e reparação de aparelhos electricos.

A. CRUZ L.^{da}

R. DA MADALENA, 29, 2.º—LISBOA

Telefone C. 1143

Armazem de productos
quimicos e especialidades
farmaceuticas nacionais e es-
trangeiras

GASES E ALGODÕES

ARTIGOS DE BORRACHA
E UTENSILIOS PARA LABORATO-
RIOS E CIRURGIA

Fornecimentos completos para
Farmacias e Hospitais

Importação directa

Antiquidades

A' venda e em exposição no BRICA-BRAC ESTRELA, Calçada da Estrela, 57

(esquina da Rua Miguel Lupi)

FUNERAES TELEF. 1094 N.

DOS MAIS SIMPLES AOS
MAIS LUXUOSOS

TRASLADAÇÕES
PARA TODOS OS CEMITERIOS,
PROVINCIA, ETC.

URNAS,
ARMAÇÕES,
COROAS, ETC.

PREÇOS REDUZIDOS SERVIÇO PERMANENTE

131, R. DOS ANJOS, 133

RESIDENCIA:
RUA DOS ANJOS, 139, 2.º E.
LISBOA

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

O DOMINGO

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPAÑA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC -
TRIMESTRE - 12 ESC -

ilustrado

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO 52x20 - SEMESTRE 26x10
ESTRANGEIRO
ANO 64x64 - SEMESTRE 32x16

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



A MELHOR MONTRA DO CONCURSO

O unico 'Hors concours' do certame de montras ultimamente realizado, foi concedido, por distincão, á montra do 'Carnaval de Veneza', camisia-ria de elite, que representava um elegante num quarto de mobiliario portuguez, executado pelos excelentes artistas portuguezes dos Armazens Olaio, sob a direcção artistica de Leitão de Barros.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING